

FEUERBACH, L.; STIRNER, M.; HESS, M.; MARX, K. **L'uomo e l'unico**. A cura di Ferruccio Andolfi. Parma: Diabasis, 2021, 140p.

Judikael Castelo Branco¹

Ferruccio Andolfi é professor de Filosofia na Universidade de Parma. Estudioso das relações entre humanismo, socialismo e individualismo, com particular atenção à história do pensamento do século XIX, foi curador de edições italianas das obras de Marx, Feuerbach, Simmel e Guyau. Entre as suas publicações, podemos destacar *L'egoismo e l'abnegazione. L'itinerario etico della sinistra hegeliana e il socialismo* (1983), *Figure d'identità. Ricerche sul soggetto moderno* (1988), *Uguaglianza e cittadinanza* (1992), *Lavoro e libertà. Marx, Marcuse, Arendt* (2004), *Il non uomo non è un mostro. Saggi su Stirner* (2009), *Il cuore e l'anima. Saggi su Feuerbach* (2011) e *La potenza dell'amore* (2019).

Em seu novo trabalho, *L'uomo e l'unico*, Andolfi reúne textos de Feuerbach, Stirner, Hess e Marx sobre uma questão absolutamente capital para os intelectuais alemães de meados do século XIX: a relação entre a individualidade e o universal.

Podemos dizer que o livro se mostra estruturado em dois diferentes momentos. No primeiro, encontramos a “Introduzione” do organizador que faz uma excelente apresentação do contexto e dos argumentos desenvolvidos pelos autores escolhidos. Em grande medida, a nossa apreciação acompanha as linhas dessa introdução, porquanto ela nos permite considerar os elementos essenciais da questão e os desdobramentos da discussão, sem, no entanto, nos furtarmos de, ao final, emitir o nosso próprio juízo acerca da relevância do problema e da sua triste atualidade.

No segundo momento, temos os escritos de Feuerbach, Stirner, Hess e Marx em torno da questão proposta e dentro de um recorte temporal preciso. Vistos no seu

248

¹ Professor Efetivo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) do curso de Licenciatura em Filosofia e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFT) e Professor Permanente do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (MAF/UVA). É Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Université de Lille (França), com tese sobre a relação entre Filosofia e História no pensamento de Eric Weil, 2017. Concluiu o Mestrado em Filosofia pela UFC, 2011, com dissertação sobre a filosofia política de Weil, Tem Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), 2007, onde atuou nas áreas de cristologia e antropologia teológica, sobretudo em K. Rahner e W. Pannenberg, e licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC). Atualmente desenvolve pesquisas nas áreas de Ética e Filosofia política, com especial interesse pelo pensamento de Eric Weil e Hannah Arendt. Colaborador do Institut Eric Weil (Lille) e membro do GT "Eric Weil e a compreensão do nosso tempo" da ANPOF. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4551-2531>. E-mail: judikael79@hotmail.com.

conjunto, podemos observar que os textos elencados têm naturezas distintas. Por um lado, o livro traz “Sull’*Essenza del cristianesimo a confronto con L’unico e la sua proprietà*” [Sobre *Essência do cristianismo em confronto com O único e sua propriedade*], de Feuerbach; “Gli ultimi filosofi” [Os últimos filósofos], de Hess, e “La replica a Feuerbach” [Réplica a Feuerbach] e “La replica a Hess” [Réplica a Hess], de Stirner, todos publicados em 1845 na Revista *Wigand*. Por outro, no caso de Marx, reúne sob o título de “*Essenza umana e unicità*” [Essência humana e unicidade], uma série de escritos que compreendem desde cartas de Engels até anotações para o que viria a ser *A ideologia alemã*. Logo, não deixam de assumir um caráter particular como documentos da evolução de alguns aspectos da reflexão de Marx sobre o tema. De fato, ecoam nesses textos a apreciação das ideias de Feuerbach, a recepção crítica da obra de Stirner como peça importante na compreensão de uma sociedade individualista e competitiva, e a consonância com o alerta de Hess de que é preciso deixar de lado a filosofia para tratar da realidade.

Justifica tomá-los em um único volume não apenas um recorte temático – o que seria mais do que suficiente –, mas também o enquadramento das circunstâncias postas em um espaço de tempo relativamente curto, estendido da publicação de *O único e suas propriedades*, de Stirner, em 1844, às referidas notas de Marx de 1845-46. Grosso modo, como o texto da “Introduzione” esclarece desde o início, os termos do problema são colocados pelo humanismo de Feuerbach e o individualismo de Stirner, e a questão avança no terreno da superação da religião tradicional. Com efeito, trata-se, antes de mais nada, de uma geração de pensadores preocupados também com a articulação de novas formas de pensamento e de expressão; confrontados com um mundo no qual as marcas da secularização já estavam presentes, mas, em geral, ainda de forma muito tímida.

Porquanto o recorte temporal se põe muito bem delimitado, resta-nos esclarecer o arcabouço problemático e conceitual que sustenta as diferentes abordagens da questão. O ponto de partida da discussão é a acusação de Stirner de que Feuerbach se restringe à remoção de Deus como sujeito, sem, no entanto, se desfazer de seus predicados. Inicialmente, Feuerbach decide reagir através de uma carta, projeto logo abandonado e substituído pela resenha. Todavia, Andolfi traz também o trecho que ficou da missiva:

Inefável e incomparavelmente amável egoísta! – De modo geral, seu escrito, assim como seu juízo sobre mim, é realmente “incomparável”

e “único”. Para dizer a verdade, há muito tempo eu já havia previsto e dito aos amigos este juízo, embora seja ele tão original: eu serei tão mal compreendido que um dia me contarão – eu, considerado agora um inimigo “fanático” e “apaixonado” do cristianismo – entre os seus apologistas; mas me surpreende, confesso, que isso tenha acontecido tão cedo, já agora. Este é um evento “único” e “incomparável” tanto quanto o senhor mesmo o é. Ora, por poucos que sejam o tempo e a vontade que eu tenho de contrastar os juízos que não tocam em mim, mas em minha sombra, faço uma exceção ao “único” e “incomparável” (p. 54).²

À acusação de ter removido Deus deixando seus predicados, Feuerbach responde justamente que esses predicados já não são os mesmos, pois, uma vez mudado o sujeito, eles passam a indicar propriedades humanas e naturais. Logo, à referência ao ateísmo entendido como negação do Deus transcendente continua presente, mas deve ser acompanhada agora pela remissão ao que a própria humanidade representa de positivo. Articula-se, desse modo, uma forma de relação dialética entre ateísmo e humanismo que impactará, por exemplo, o pensamento de Karl Marx, como se observa na relação que este desenha entre comunismo e humanismo. Mas Feuerbach não se limita à defesa, antes, acusa Stirner de manter, ainda que forma sutil, um modo religioso de pensar quando toma um indivíduo isolado como incomparável.

Outro mérito de Andolfi é identificar os pontos de visão dos autores envolvidos. No caso de Feuerbach, trata-se de reconhecer um pensador que fala a partir do mundo pré-romântico no qual as individualidades são tomadas como derivações de um universal que as contém. É justamente contra esse quadro que Stirner se ergue, sustentando que o indivíduo não é mera ilustração de uma essência comum. Logo, ficam devidamente iluminadas não só as razões para que Feuerbach se entrincheire entre os comunistas (p. 57), mas também por que, para ele, o apelo ao gênero não comporta algo como uma nova religião, mas tão-somente o reconhecimento de que os limites individuais são provisórios e perfeitamente superáveis em nome das possibilidades das quais os homens são detentores (p. 48-49).

Uma segunda acusação levantada aponta para o elogio do amor como outro indício da religiosidade de Feuerbach. No entanto, para este, o que procura não é senão a possibilidade de superar o cristianismo. Aqui, vale voltar novamente às palavras do autor.

² Todas as citações são tiradas do livro e vertidas por nós sem nenhum confronto com outras traduções.

“Feuerbach se refugia na fé no amor”. Isso é completamente falso! Feuerbach caminha a passos firmes e seguros do reino dos sonhos especulativos e religiosos ao terreno da realidade, da essência abstrata do homem ao seu ser inteiro e real, mas o amor, sozinho, não exaure todo o ser do homem. Para amar, é preciso também o intelecto. (...) Mas por que Feuerbach sublinha tanto o amor? Porque não há nenhuma passagem prática ou orgânica, oferecida pelo próprio objeto, do reino de Deus ao reino do homem, senão o amor, o qual é o ateísmo prático, a negação de Deus no coração, no sentimento, na ação. O cristianismo se define como a religião do amor, mas não o é, ele é, antes, a religião do egoísmo espiritual sobrenatural (...).

Talvez Feuerbach tome o amor em um sentido fantástico, sobrenatural, contrário ao amor real. (...) Nada disso! “Nenhum ser, diz ele, por exemplo, pode negar a si mesmo”. “Ser quer dizer amar a si mesmo”. “Quando alivio a miséria do outro, alivio ao mesmo tempo a minha própria miséria, sentir a miséria do outro é, em si mesmo, uma miséria”, etc. (p. 50-51).

O problema é, então, criar a mediação entre o amor de si e o amor do outro, ou, o que é o mesmo, entre egoísmo e solidariedade.

Por último, Stirner lamenta que, em Feuerbach, a ética assuma um aspecto religioso. A resposta ao autor de *Essência do cristianismo* pontua que é precisamente a subordinação da ética ao valor central do homem que a tira de qualquer valor absoluto. Como destaca Andolfi: “Aqui, mesmo se de forma embrionária, se entrevê uma possível oposição entre uma moral absoluta dos princípios, herdada da tradição, e uma moral que transcende os princípios e se remete ao ser humano como um ser mais que moral, capaz, como Deus, de perdoar pecados” (p. 15).

A resposta de Stirner retoma cada um dos pontos expostos na resenha de Feuerbach. Grosso modo, os seus argumentos afirmam que mesmo se transpostos para o mundo humano, os predicados que Feuerbach mantém continuam como decorrências de ideias, quer dizer, como determinações que se realizam no indivíduo de forma imperfeita e que só se dão plenamente no gênero. Para Stirner, o problema fundamental não se resume à remoção de Deus como sujeito, dado que a verdadeira ilusão está na própria ideia de que existam perfeições essenciais. Quanto à sua suposta recaída na crença religiosa, precisa que não fala de indivíduos como sagrados ou invioláveis, mas usa o termo apenas de modo aproximativo. Portanto, acaba por orbitar em torno do problema da articulação entre a humanidade e a unicidade tomado, concretamente, no domínio da caracterização do verdadeiro ateu.

A interpretação de Andolfi, mais uma vez acertada, é que podemos ver nas posições de Feuerbach e Stirner uma espécie de prefiguração das duas formas de ateísmo tornadas comuns no século XX, isto é, o ateísmo radical e o ateísmo “devoto” (p. 17).³

O passo seguinte na discussão é dado na resenha de Moses Hess, precisamente intitulada *Os últimos filósofos*. Nela, o autor volta o olhar ao mesmo tempo para Feuerbach, Stirner e Bauer, mantendo-se na esfera da crítica teórica. O tema central de *O único* é contestado desde as suas primeiras linhas. Com efeito, para Hess, o homem individual é só o homem isolado e a questão essencial é saber se um conhecimento puramente teórico, isto é, que não discuta o isolamento social, é suficiente para realizar o homem. “Todas essas tentativas de superar *teoricamente* a distinção entre os homens isolados e a essência humana faliram porque o indivíduo, mesmo se conhece o mundo e a humanidade, a natureza e a história, é e continua sendo na realidade só um homem isolado, enquanto o isolamento dos homens não for superado *praticamente*” (p. 72).

Como método argumentativo, o autor recorre precisamente a uma filosofia da história que refaz o processo de cisão entre *teoria* e *prática* desde as suas raízes cristãs até o seu pleno amadurecimento nas estruturas do Estado moderno. Com um esforço em muitos pontos similar ao de Marx em *A questão judaica*, Hess usa da distinção entre o homem verdadeiro e o homem real, ao mesmo tempo que pensa as relações entre sociedade e Estado. Para ele, essa relação pode ser considerada como uma cifra para a compreensão dos “últimos filósofos”, pois, em Bauer, temos o princípio do Estado sem sociedade, em Stirner, da sociedade sem o Estado e, por fim, em Feuerbach, a contradição entre eles (cf. p. 76).

No que respeita a Stirner em particular, Hess o vê como defensor de uma realidade cativa, cujo ponto culminante é precisamente o *Krämerwelt*, no qual a exploração do homem é praticada com consciência. Nesse sentido, o egoísmo prático que emoldura o único só pode levar a um destino, ao “pacífico vegetar”, pois

O último e mais decisivo contraste [aquele do único em relação aos únicos], no fundo, se encontra além do que é chamado contraste, sem, porém, recair na unidade ou na harmonia. Como único não tens mais nada em comum com o outro e, portanto, nem mesmo nada que te separe dele de forma hostil... O contraste desaparece quando a divisão é completa, ou seja, na unicidade (p. 91-92).

³ O ateísmo devoto é um tema particularmente caro aos filósofos da religião italianos. Sobre isso, podemos indicar ANDOLFI, F. “Pressentimento de uma religião sem Deus em Friedrich Feuerbach”. *Perspectivas*, v. 6, n. 1, 2021, p. 27-39.

Para Andolfi, Hess perde, ao pôr as coisas nesses termos, o sentido da importância histórica que revestia, na metade do século XIX, a desmistificação do altruísmo formal professado pela sociedade. O ensaio termina com a observação de que mesmo Stirner, crítico de toda missão ou destinação do homem, não escapa da construção de um ideal ou de um fetiche, que seria o próprio egoísmo.

A resposta de Stirner toma as considerações filosófico-históricas de Hess como divagações de pouco interesse. De toda forma, porém, falta às análises do único o reconhecimento de que a pertença social desempenha um papel fundamental na própria constituição dos indivíduos.

Como dissemos, os textos de Marx, embora compartilhem o mesmo recorte temporal e estejam inteiramente inseridos na temática, não participam de forma direta do debate. Em geral, os escritos marxianos selecionados pelo organizador seguem o itinerário teórico do autor, partindo de uma reflexão ligada à matriz conceitual de Feuerbach em direção a uma proposta mais autônoma que em muitos pontos reconstrói ou inverte as intuições fundamentais de seus influenciadores.

O primeiro elemento a chamar atenção, como lembrado acima, é a retomada da dialética da crítica religiosa feuerbachiana entre a negação da alienação religiosa e a afirmação da vida humana e animal. Em Marx, esse esquema assumirá, ao menos inicialmente, os termos do comunismo e do humanismo, expressão abandonada muito cedo pelo seu grande comprometimento com a linguagem ideológica dos jovens hegelianos. Já em *O Capital*, o esquema assumirá os termos da relação entre o reino da necessidade e o reino da liberdade (p. 25-26).

Nas notas para *A Ideologia Alemã*, fica particularmente evidente nas “Teses sobre Feuerbach”, como Marx se coloca diante da questão da essência do homem. Com efeito, enquanto Feuerbach parte da essência divina para obter a imagem da essência humana, Marx procura uma abordagem empírica. Como Andolfi sintetiza, para Marx, “aquilo que os filósofos chamaram essência encontra sua correspondência real naquela massa de forças produtivas, capitais e circunstanciais, que marca cada nova geração, mas também para cada indivíduo, as condições de partida, os vínculos e as oportunidades do seu sucessivo desenvolvimento” (p. 22).

O confronto com os ideólogos alemães dá espaço para Marx formular teses essenciais do materialismo histórico. De fato, contra Bauer e Stirner, assevera que a

história não se explica por movimentos de autoconsciência ou por pretensões rebeldes. Antes, ela é impulsionada por movimentos históricos reais, revoluções, por suas forças dirigentes e pelas formas de consciência religiosas, filosóficas ou de qualquer gênero, que sempre quiseram governá-la. No caminho indicado, concede-se a Feuerbach o mérito de prefigurar, ainda que modo abstrato, a intuição de que preexiste, para os indivíduos, um conjunto de condições reais que influenciam o seu desenvolvimento.

Quanto à polêmica entre Feuerbach e Stirner, a posição de Marx é profundamente crítica, tendo em vista que a luta contra as ilusões religiosas não pode substituir a luta real (p. 28). É nessa altura que ressoa a palavra de ordem que aponta para a necessidade de se deixar de lado a filosofia para se ocupar com a realidade. Deve-se, então, pensar e construir o indivíduo pessoal “não apenas sujeito à natureza dos diferentes processos, mas capaz de, unido a outros indivíduos, governá-los” (p. 29). Logo, a razão que torna decisiva a intervenção sobre as transformações da economia consiste justamente em tirar os indivíduos da submissão à ação das leis econômicas, colocando-os em condição de orientar os eventos e não apenas padecê-los. Torna-se fundamental, então, perguntar se as condições existentes correspondem ao desenvolvimento dos indivíduos. A questão da ilusão religiosa só importa se for tomada em relação a essa pergunta.

Essas considerações representam também os termos envolvidos na construção do equilíbrio entre as forças produtivas e as formas de relação social. Logicamente, porquanto se compreende o indivíduo como principal força produtiva, é ele um elemento imprescindível para essa estabilidade constantemente procurada. É precisamente a contradição existente entre as forças produtivas e as relações sociais que torna patente a necessidade de transformações, sobretudo quando comportamentos individuais dão lugar, no tempo, a objetivações de caráter mais extenso e universal. Em outras palavras, essa condição de objetivação (ou de alienação) impõe a tarefa de reorientar a rota e apoderar-se da causalidade dominante, o que, para Marx, só pode acontecer pela supressão da propriedade privada e do trabalho alienado. Mais uma vez podemos nos beneficiar da síntese feita na “Introduzione”:

A dura e implacável polêmica com Stirner não deve nos fazer perder de vista como Marx mesmo reelabora o tema da unicidade adaptando-o à própria doutrina. Que os indivíduos partam de si mesmos é, para Marx, uma obviedade e não uma especial descoberta de Stirner. Mas esses precisam desde sempre de relações sociais, e, portanto, as relações que

estabelecem não se dão entre puros eu, mas entre indivíduos socialmente determinados (em certo estágio de desenvolvimento das suas forças produtivas e das suas necessidades). O desenvolvimento de um indivíduo é condicionado pelo de todos os indivíduos. O mesmo acontece entre as gerações que se sucedem, as quais interagem tanto com aquelas precedentes como com aquelas sucessivas (p. 31).

A questão da relação entre individualidade e universalidade pode, então, ser resumida deste modo: “Os indivíduos livres conservam uma conexão que se manifesta nos pressupostos econômicos, na solidariedade que torna possível o desenvolvimento de todos, na direção universal e das manifestações individuais” (p. 32).

Nesse sentido, a unicidade, para nos mantermos presos aos termos usados pelos autores elencados, representa ainda um ideal desejável, mesmo em Marx, mas um ideal ainda não disponível, antes, posto como meta para um futuro que, para tornar-se presente, precisa atravessar o campo da pertença de classes e as lutas relativas a elas.

A questão da relação entre o indivíduo, o único, e o universal, a essência humana, ganhou, na metade do século XIX, os seus contornos definitivos, seculares. Desde então, o acento pôde cair em um ou em outro termo, a depender das circunstâncias históricas, algumas vezes destacando os elementos irredutíveis do indivíduo, outras, os elementos comuns e comunitários da nossa humanidade. No entanto, o principal mérito do trabalho de Andolfi extrapola o interesse pela historiografia de parte do pensamento alemão do século XIX. O problema que ele destaca se tornou, sobretudo nos grandes acontecimentos do século XX e nas tragédias do século XXI, fundamental para quem deseja pensar o que estamos fazendo. Evidentemente, no espaço de quase dois séculos, muitos novos elementos entraram no jogo, como os grandes discursos acerca da subjetividade e da ecologia, mas, ao fim e ao cabo, todos eles tocam de forma direta, mesmo se muitas vezes oculta ou inconscientemente, com a relação entre indivíduos e universalidades. As grandes contradições dos anúncios políticos, dos “evangelhos” econômicos e das suas promessas de salvação, reforçam em vez de mitigar o fracasso que o nosso atual modelo social representa no que concerne à realização individual dentro de um quadro de relações sociais igualmente exitoso. Os acontecimentos recentes em Cabul, a situação dos imigrantes pelo mundo inteiro, as cenas de pessoas à caça de comida em torno de caminhões de lixo em grandes cidades brasileiras, as manifestações contrárias às medidas sanitárias e à vacinação durante a pandemia, são todos exemplos incontornáveis

de quanto estamos distantes do equilíbrio que, em Marx, por exemplo, servia de direção para pensar a relação entre as forças produtivas e as relações sociais.

Há muito o que pensar a respeito, há ainda muito o que dizer sobre o tema, mas sobretudo, há muito a ser feito em nome da construção do humano no ser humano. Isso só será possível, obviamente, em um mundo humano. O livro de Ferruccio Andolfi é um convite ao leitor para que assuma o seu lugar na trincheira dos que se preocupam com a construção de um mundo no qual seja possível tornar-se verdadeiramente humano.

Referências

ANDOLFI, F. “Presentimento de uma religião sem Deus em Friedrich Feuerbach”. *Perspectivas*, v. 6, n. 1, 2021, p. 27-39.

FEUERBACH, L.; STIRNER, M.; HESS, M.; MARX, K. **L'uomo e l'unico**. A cura di Ferruccio Andolfi. Parma: Diabasis, 2021.